

Chapa 1 – *Autonomia e democracia* vence as eleições para a Adunicamp

As eleições para a nova Diretoria e Conselho de Representantes da Adunicamp ocorreram nos dias 16, 17 e 18 de novembro. Dos 949 docentes que participaram do pleito, 513 votaram na Chapa 1, encabeçada pelo professor Francisco de A. M. Reis (IQ), e 356 na Chapa 2 — *Abrangência e participação*, que tinha como candidato à presidência o professor José Ricardo Figueiredo (FEM). Foram registrados ainda 50 votos em branco e 30 votos nulos. Houve um ligeiro aumento do número de votantes em relação às eleições passadas quando participaram 869 docentes.

Foram eleitos representantes das seguintes unidades: FEF (1 titular), FEC (2 titulares), IQ (1 titular), IMECC (2 titulares), IG (1 titular), IFGW (2 titulares e 1 suplente), IFCH (1 titular), IC (1 titular), IB (1 titular), FEM (2 titulares), FEAGRI (2 titulares), FEA (2 titulares), IA (2 titulares e 2 suplentes), FE (2 titulares e 2 suplentes). As unidades que não tiveram candidaturas ao CR são: IEL, IE, FCM, FECC, FEQ, FOP, COTUCA, COTIL e CESET.

A posse da nova Diretoria ocorrerá no próximo dia 30 de novembro, no auditório da entidade, às 18h30, após a Assembléia Geral de prestação de contas da Diretoria atual, marcada para às 15h30, no mesmo local.

O império da lei

Adolpho Hengeltraub e Antonio F. Penna

A tradição “bacharelista” dos governos do país mantém-se com FHC. São editadas medidas provisórias, enviados projetos de lei e emendas constitucionais ao Congresso e assim considera-se “resolvidos” todos os problemas da nação, “numa penada”, ou mais modernamente, com alguns toques de teclas de computador. É o império da lei.

Num boletim anterior já discutimos alguns aspectos relacionados com o “fator previdenciário” onde afirmamos, com base em cálculos por nós realizados, que este fator trará prejuízo financeiro ao trabalhador (a longo e curto prazos) a não ser que seja muito bem orientado e, também, ao governo (no longo prazo). Este fator, que multiplica o valor efetivo da aposentadoria que seria paga ao trabalhador, é inversamente proporcional à expectativa de sobrevida, isto é, ele diminuirá sempre que a sobrevida aumentar. Que tabela de sobrevida será usada para o cálculo? Como o governo está com a faca e o queijo na mão, ele pode sempre encomendar ao IBGE uma nova tabela, baseada em novos critérios (?), que permitiriam baixar os valores das aposentadorias ao seu bel-prazer, dentro do arbítrio característico dos sábios de plantão. Este problema veio à tona porque a *Folha*, em sua edição de 14 de novembro, apresenta uma nova tabela de sobrevida que,

segundo o jornal, está sendo adotada pela maioria das seguradoras e empresas de previdência privada. Esta tábua, como é designada no artigo, talvez em alusão à tábua dos 10 mandamentos, é designada por AT2000, foi produzido alhures e é “a mais moderna das chamadas tábuas que medem a sobrevida que o segurado tende a ter a partir de determinada idade”. Veja que o autor não se refere à uma tábua atualizada, mas “moderna”. Esta nova tábua da salvação apresenta valores de sobrevida (65 anos) até 48% acima da tabela do IBGE. Se esta nova tábua fosse adotada, a consequência seria, neste caso, uma perda adicional de cerca de 32% sobre o valor da aposentadoria determinada pela tabela do IBGE, que por sua vez já produz um confisco substancial. Quão sedutor é para o governo este exemplo de modernidade, certamente em sintonia com esta fúria tributária que contaminou nossos governos neoliberais. O mais estranho de tudo é a passividade da população frente a estas atrocidades, coadjuvada por nossos progressistas formadores de opinião. Só há uma certeza no horizonte: a de que o governo muda a regra do jogo no momento que lhe for conveniente, dispensando à população a mesma consideração dispensada aos menores da Febem.

Adolpho Hengeltraub é diretor da Adunicamp e professor aposentado do IFGW e **Antonio F. Penna** é professor aposentado do IFGW.

Manifesto dos Professores MS6

Acreditamos que os professores MS6 da Unicamp têm tido um papel pequeno na determinação dos rumos da Universidade, desproporcional ao seu desempenho acadêmico e à sua influência científica. Acreditamos que, neste momento de crise da Universidade, a categoria de professores MS6 deveria assumir a sua especial responsabilidade de defender os valores acadêmicos da Universidade. Como consequência, acreditamos que os interesses do ensino e da pesquisa deveriam ter prioridade absoluta em todas as decisões feitas na Universidade. Acreditamos que a Unicamp tem que ajustar as suas operações para maximizar a continuidade dessas atividades, independente de vicissitudes orçamentárias e políticas, que sempre existiram e continuarão a existir. Em particular, como não se pode conceber uma Universidade sem boas bibliotecas, é essencial que se garanta a atualização e a renovação do seu

acervo bibliográfico. Nesse contexto, é inaceitável a interrupção das assinaturas de periódicos especializados, bem como o corte de várias outras assinaturas, especialmente em vista dos recursos que têm sido carreados para itens de menor importância, como viaturas, prédios, etc.

Essas circunstâncias exigem que, primeiro, seja garantida a assinatura das coleções completas de periódicos para o ano 2000, e que os recursos orçamentários necessários sejam reservados para isso; segundo, sejam tomadas as providências para a realização de uma suplementação emergencial para complementar o pagamento das assinaturas de 1999 e, terceiro, seja delineado, por meio do Conselho Universitário, um plano que explicita o tratamento deste assunto na Unicamp, garantindo não só a continuidade das coleções como o acesso a novos títulos para os próximos anos.

Lista dos Professores MS-6 Assinantes (até 23/11/99)

AÉCIO P. CHAGAS, IQ	FAUSTO BÉRZIN, FOP	M. SYLVIA C. FRANCO, IFCH
ALCIBIADES RIGAS, IMECC	FERNANDO CERDEIRA, IFGW	MARCO A. TEIXEIRA, IMECC
ALCIR J. MONTICELLI, FECC	FERNANDO F. COSTA, FCM	MARCO A.P. LIMA, IFGW
ALEXANDER K. KUSHPEL, IMECC	FRANCESCO MERCURI, IMECC	MARCO A. DE PAOLI, IQ
ALVARO G. B. PALHARES, FECC	FRANCISCO DE A.M. REIS, IQ	MARIO C. DE MATOS, IMECC
ALVARO R. DE PIERRO, IMECC	GEORGE G. KLEIMAN, IFGW	MARISA LAJOLO, IEL
AMIR CALDEIRA, IFGW	GUILLERMO CABRERA, IFGW	MARTIN TYGEL, IMECC
ANDRE L. M. FRANCA, FECC	HÉLIO WALDMAN, FECC	MATTHIEU TUBINO, IQ
ANGELA B. KLEIMAN, IEL	IRENE G. H. LORAND METZE, FCM	MICHEL D. YACOUB, FECC
ANIBÁL E. VERCESI, FCM	IRENILZA A. NÄÄS, FEAGRI	MILTON MORI, FEQ
ANTONIO A. PRADO, IEL	JAIME A. CURY, FOP	NELSON DURÁN, IQ
ANTONIO PAQUES, IMECC	JOAO B. PROLLA, IMECC	NILCE CORREA MEIRELLES, IB
ARIOVALDO V. GARCIA, FECC	JOÃO BIAGI, FEAGRI	OMAR TESCHKE, IFGW
ARLEY R. MORENO, IFCH	JOÃO C. DE ANDRADE, IQ	ORLANDO LOPES, IMECC
ATHANASE BILLIS, FCM	JOÃO L. CARDOSO, FEAGRI	PATRICIO LETELIER, IMECC
CARLOS A. R. NASCIMENTO, IFCH	JOÃO M. T. ROMANO, FECC	RENATO ORTIZ, IFCH
CARLOS H. BRITO CRUZ, IFGW	JOÃO MANUEL C. DE MELLO, IE	ROBERTO H. MORETTI, FEA
CARLOS LUENGO, IFGW	JOÃO Q. DE MORAES, IFCH	ROBERTO LUZZI, IFGW
CARLOS O. ESCOBAR, IFGW	JOHN R. SCHMITZ, IEL	ROBERTO ROMANO, IFCH
CARLOS R. ESPÍNDOLA, FEAGRI	JORGE T. M. ASCUI, IMECC	RODNEY C. BASSANEZI, IMECC
CELSO P. BOTTURA, FECC	JOSÉ A. R. RODRIGUES, IQ	RUBENS MACIEL FILHO, FEQ
CESAR CIACCO, FEA	JOSÉ F. FIGUEIREDO, FCM	RUI FRAGASSI SOUZA, FECC
CHRISTIANO LYRA FILHO, FECC	JOSÉ F. HOFLING, FOP	SECUNDINO SOARES Fº, FECC
CLAUDIO AIROLDI, IQ	JOSÉ L. BOLDRINI, IMECC	SONIA M. BERGAMASCO, FEAGRI
CLAUDIO LUCCHESI, IC	JOSÉ RANALI, FOP	VITOR BARANAUSKAS, FECC
DALTON S. ARANTES, FECC	JOSÉ TADEU JORGE, FEAGRI	VYACHESLAV GIRKO, IMECC
DANIEL J. HOGAN, IFCH	KENNETH COLLINS, IQ	WALTER A. CARNIELLI, IFCH
DANIEL PEREIRA, IFGW	KIL JIN PARK, FEAGRI	WESLEY JORGE FREIRE, FEAGRI
DJAIRO G. DE FIGUEIREDO, IMECC	LUCIANO G. COUTINHO, IE	WILSON CANO, IE
EDGARD F. COLLARES, FCM	LUIZ A. B. SAN MARTIN, IMECC	WILSON F. JARDIM, IQ
EDUARDO GUIMARÃES, IEL	LUIZ B. L. ORLANDI, IFCH	YARO BURIAN JR., FECC
EDUARDO J S VICHI, IQ	LUIZ E. OLIVEIRA, IFGW	YONG KUN PARK, FEA
ELIAS H. ALVES, IFCH	LUIZ G. BELLUZZO, IE	YOSHITAKA GUSHIKEM, IQ
ENI ORLANDI, IEL	LUIZ G. FERREIRA, IFGW	YOSHIYUKI HASE, IQ
FÁBIO VIOLARO, FECC	LUIZ S. LEONARDI, FCM	

Suprimiram o bode e instituíram a cizânia

Valério José Arantes

“No momento em que uma civilização não tem mais como ponto central um fenômeno de relação incessantemente renovado, ela se enrijece tornando-se um mundo de Isso que é trespassado somente de quando em quando por ações eruptivas e fulgurantes de espíritos solitários”

Martim Buber

Para quem não conhece a estória do bode, em resumo, trata-se de uma orientação que um sábio (ao ser consultado por um homem desesperado, em condição semelhante a de milhares brasileiros) indica como alternativa para amenizar o sofrimento de um miserável, que vive em um único cômodo com toda a família:

— Compre um bode para conviver sob o mesmo teto com você e sua família.

Depois de um período de convivência infernal, o sábio ordena a retirada do animal, tornando a vida da pobre família mais suportável, sem alterar as condições anteriores ao bode.

O supremo suprimiu o bode representado pelo projeto de confisco salarial, mas nossos algozes estão reintroduzindo-o através de mudanças constitucionais demonstrando mais uma vez uma amoralidade típica de psicopatas.

E mesmo sem o bode, continuamos tão aflitos como antes, com os combustíveis, eletricidade, pedágios e impostos aumentando tão rapidamente que os nossos salários tornaram-se completamente defasados.

Não bastasse tudo isso, ainda nos fazem engolir o patético e perverso discurso do secretário da presidência, declaradamente (mal) intencionado em instituir a cizânia entre a população em geral e os funcionários públicos.

A cisão social é semelhante a cisão interna da personalidade, que pode decorrer da repressão à manifestações de determinados aspectos do psiquismo, que acaba inflacionando psicoticamente o ego.

Além da **repressão** e **exclusão social**, que já se tornaram uma rotina insuportável em nossa realidade, agora querem acrescentar a **cizânia**, em mais um gesto típica-

mente fascista criado por esse governo neoliberal em estado crepuscular.

Quanto maior for a repressão (seja interna ou externa), maior será a revolta contra o opressor, como podemos constatar diariamente pelas reações de nossa população mais carente, mais reprimida socialmente, que tem cobrado em sangue tudo aquilo que o governo lhes tem negado em direitos. Ninguém mais é ingênuo a ponto de não enxergar que os objetivos do governo neoliberal são: eliminar a inflação, aumentar o desemprego, fazer reajustes fiscais e enfraquecer os sindicatos.

Com o enfraquecimento das instituições (manipuladas amoralmente), principalmente dos sindicatos, estão instituindo um estado de barbárie, que só não surgiu durante a ditadura porque conquistamos a anistia.

Os conflitos estão generalizados, com seres humanos sendo brutalmente violentados e assassinados diariamente, numa espécie de guerra civil entre os que não possuem nada e os que ainda fazem parte do sistema, mesmo não possuindo nada também.

Como já havia afirmado Che Guevara: A crueldade às vezes é necessária! Mas, estamos enfrentando a hiper crueldade de maníacos, assassinos, ladrões e “Serial Killers”, gerados por uma sociedade que tem tratado as pessoas como se fossem objetos.

Ao “coisificar” nossos semelhantes podemos facilmente descartá-los depois de usá-los, inutilizá-los ou até exterminá-los (como o maníaco do parque fazia com suas “bonecas de carne”) tornando a nós mesmos objetos passíveis de serem considerados descartáveis depois de consumidos, assim explicitado por Von Zubem (1979):

“No relacionamento Eu-Isso se o Isso está presente ao Eu não podemos dizer que o Eu está na presença do Isso. (LII)¹

E na “Ilha da fantasia”, o governo vai seguindo passo a passo a cartilha (caminho insustentável) do neoliberalismo global, pagando os estelionatários do FMI e sugando o sangue do povo vampirescamente através de medidas atreladas aos interesses dos grandes capitais.

Enquanto isso, nós da classe “quase média”, ficamos situados entre “dois fogos”, de um lado os desesperados que vivem nos currais com os bodes e do outro os gover-



Assembléia Geral Ordinária da Adunicamp

Dia 30 de novembro de 1999, terça-feira, às 17h30, no auditório.

Pauta: prestação de contas da Diretoria

nantes que evitam inclusive, uma CPI sobre o sistema da previdência com o intuito de tornarem-se algozes inacatáveis.

Reprimem, excluem e para completar querem instituir a cizânia, entre nós que já vivemos no centro dessa “Guerra Civil” que os donos da “Ilha da Fantasia” não querem admitir para evitar que a verdade sobre a “barbárie” seja conhecida internacionalmente.

Enfrentar seres humanos quase psicóticos, arvorados em sua amoralidade psicopática é muito mais complicado do que no tempo da ditadura militar, que pelo menos era mais coerente com seu autoritarismo manifesto.

Estamos lidando com pessoas que manipulam ardilosamente a realidade, e “escorregam como sabonete” quando pressionadas, maquiando seus maquiavélicos discursos com falsas mensagens democráticas.

O comportamento esquizofrênico caracterizado por uma cisão interna entre sentir e pensar é observável nas “duplas mensagens” emitidas por nossos governantes incapazes de se conscientizar dessa insanidade, também verificada entre nossos próprios colegas que hoje ocupam cargos administrativos nas universidades.

É importante ressaltar que essa “loucura” é mantida como um estado de “normalidade” pelos envolvidos no drama psicológico grupal e pode ser bastante duradoura, como pudemos presenciar entre os nazistas liderados por um esquizofrênico paranóico.

Se não endurecermos nossas ações coletivas contra essas pessoas que não tem limites em suas ambições pelo poder, será difícil conseguirmos mudanças, tanto fora como dentro de nossa comunidade, que também já está criando suas “Ilhas da Fantasia”, às custas do desrespeito aos direitos e dignidade dos próprios colegas.

É necessário ressaltar que não podemos desistir da esperança de restaurar a sanidade dessas pessoas e de seus cúmplices, que apesar de tudo, ainda merecem ser tratados como seres humanos; e para que isso aconteça basta que eles integrem o coração e a mente em suas ações, renovando o fenômeno de inter-relacionamento e estabelecendo relações maduras e sadias pelo menos dentro de nossa comunidade, como um exemplo para toda a população.

Valério José Arantes é professor da Faculdade de Educação e atual diretor da Adunicamp.

¹ Buber, M. *Eu e Tu* (Introdução e tradução de Newton Aquiles Von Zuben) Cortez Moraes.

Semana AFIM da terra

Diálogos sobre o espaço em que vivemos e o papel da universidade
De 22 a 26 de novembro
Na Grande Lona (circo armado em frente à Cantina do IEL)

Três são os principais objetivos desta semana:

- i) por em contato diferentes grupos de pessoas, que vêm realizando trabalhos comunitários, das mais diversas formas (institucionais, voluntários, movimentos populares, através de ONGs, etc...);
- ii) dar o passo inicial em direção à criação de um ‘mapa’ dos trabalhos e grupos existentes na Unicamp, que possa servir de referência a qualquer pessoa interessada;
- iii) trazer para dentro da universidade a discussão sobre a questão agrária no nosso país.

De segunda a quinta-feira (22 a 25/11), os encontros se darão na hora do almoço, abrindo sempre com alguma manifestação artística, e uma breve apresentação de alguns grupos convidados, que realizam trabalhos comunitários em diferentes áreas. A sexta-feira (26/11) será especialmente dedicada à questão da terra, e não se restringirá ao horário de almoço. Ao fim, uma grande confraternização...

“Esperamos que a **SEMANA AFIM DA TERRA** seja rica, permeada de diálogo e carinho, e incite-nos a uma reflexão sincera sobre nossa realidade !!”

Para maiores informações, entre em contato com: afim@egroups.com

Realização e Produção: AFIM e G.T.E.A.M.

Apoio: Adunicamp, APG e Preac